

ENSINO DE LÍNGUA ENTRE MUROS

Andréa Rodrigues (UERJ)

andrearodrigues.lettras@hotmail.com

1. Introdução

Este trabalho aborda o modo como o ensino de língua materna é apresentado em algumas cenas do filme *Entre os muros da escola*, dirigido por Laurent Cantet e baseado no livro *Entre les murs*, de François Bégadeau. O estudo do discurso produzido nos embates travados no filme é feito a partir da abordagem teórica da Análise do Discurso, com a utilização dos conceitos de formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva.

O filme exhibe o cotidiano de uma escola francesa, com muitos alunos que são imigrantes ou filhos de imigrantes. A escola fica em Paris, numa região limítrofe ao subúrbio da cidade.

O contexto histórico e social em que se desenvolve a narrativa do filme possibilita uma série de reflexões sobre os ecos da memória presentes em uma instituição escolar de um país que tem sua história atravessada pela memória da colonização e pelas diversas culturas dos imigrantes que nele vivem. O filme

exibe várias cenas de aula de língua materna, tendo como personagem principal um professor de língua francesa.

2. Referencial teórico

A noção de formação discursiva é apresentada inicialmente em Haroche, Pêcheux, Henry (1971) e relacionada ao conceito de formação ideológica – que teria sua existência material nas formações discursivas:

Nesse momento inaugural da teoria, as FDs [formações discursivas] são consideradas como componentes de FIs [formações ideológicas], relacionadas às suas condições de produção no interior de uma realidade social marcada pela ideologia dominante. O sentido é, portanto, relacionado a um exterior ideológico demarcado por FIs. (GREGOLIN, 2007, p.174).

Indursky observa que num primeiro momento da teoria (PÊCHEUX e FUCHS, 1975), a noção de formação discursiva remete para a ideia de “um domínio discursivo fechado e homogêneo” (INDURSKY, 2007, p. 166).

Em texto posterior, Pêcheux (1983) apresenta a ideia da instabilidade das formações discursivas:

Uma FD não é um espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente invadida por elementos que vêm de outro lugar (isto é, de outras FDs) que se repetem nela, fornecendo-lhe suas evidências discursivas fundamentais (por exemplo, sob a forma de *preconstituídos* e de *discursos transversos*). (PÊCHEUX, 1983, p. 310).

Destacando, assim, o não fechamento das formações discursivas, ele afirma que “a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade” (*op. cit.*, p.310).

Ao se questionar sobre os limites de uma formação discursiva, Mittmann (2007) destaca que esses limites envolvem fatores históricos e conflitos com outras formações discursivas, na relação que estabelecem com a formação ideológica. Desse modo, os limites de uma formação discursiva correspondem ao que pode e não pode ser dito numa dada conjuntura.

A noção de memória discursiva é apresentada por Courtine (1981), que a relaciona a uma *existência histórica do enunciado* e a define a partir do que Foucault propõe sobre certos discursos:

A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no seio de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos, ela envolve aquilo que FOUCAULT (1971, p. 24) destaca a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, *discursos que estão na origem de um certo número de atos novos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além da sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda por dizer.* (COURTINE, 1981, p. 53)

Para tratar do interdiscurso e do como ele se relaciona com a formação discursiva, Courtine recorre à noção de intradiscurso:

O interdiscurso é o lugar no qual se constituem, para um sujeito falante que produz uma sequência dominada por uma FD determinada, os objetos dos quais esse sujeito enunciatador se apropria para torná-los objetos de seu discurso, assim como as articulações entre esses objetos, através dos quais o sujeito enunciatador vai dar uma coerência a seu propósito, naquilo que chamaremos, a partir de PÊCHEUX (1975), o intradiscurso da sequência discursiva que ele enuncia. É então na relação entre o interdiscurso de uma FD e o intradiscurso de uma sequência discursiva produzida por um sujeito enunciatador a partir de um lugar inscrito numa rede de lugares no interior dessa FD, que é necessário situar os processos pelos

quais o sujeito falante é interpelado-assujeitado em sujeito de seu discurso. (COURTINE, 1981, p. 54)

Indursky (2011) compara os três conceitos – formação discursiva, memória discursiva e interdiscurso – observando que o interdiscurso é o espaço de tudo que já foi dito, ele é formado por um *complexo de formações discursivas* (*op. cit.*, p. 86) e por isso é saturado. Ele contém todos os sentidos já produzidos, e não somente os que seriam autorizados dentro de uma dada formação discursiva.

Em relação à memória discursiva, Indursky afirma que ela “diz respeito aos enunciados que se inscrevem nas FD, no interior das quais ela recebe seu sentido.” (2011, p. 86). A memória discursiva não envolve todos os sentidos, como o interdiscurso, mas aqueles que podem e não podem ser ditos numa dada formação discursiva. É por causa dela que certos sentidos são refutados no interior de uma formação discursiva. A autora acrescenta ainda que:

A memória discursiva é regionalizada, circunscrita ao que pode ser dito em uma FD e, por essa razão, é esburacada, lacunar. Já o interdiscurso abarca a memória discursiva referente ao complexo de todas as FD. Ou seja, a memória que o interdiscurso compreende é uma memória ampla, totalizante e, por conseguinte, saturada. (INDURSKY, 2011, p. 87-88)

Quando se pensa em uma dada formação discursiva, é necessário considerar, portanto, que ela é afetada pela memória presente no interdiscurso, que disponibiliza dizeres a partir de posições a serem tomadas pelos sujeitos no interior de uma determinada formação discursiva, a partir de um lugar marcado histórica e socialmente.

3. *Análise: a língua francesa e os muros*

Com base nesses conceitos propostos pela Análise do Discurso, este trabalho apresenta uma análise das sequências discursivas produzidas em algumas cenas do filme *Entre os muros da escola*, de modo a caracterizar a heterogeneidade presente nas aulas de língua materna.

A partir dos conceitos comentados na seção anterior, é possível afirmar que o intradiscurso das sequências discursivas é afetado pelo interdiscurso e pela memória discursiva. Além disso, observa-se que as formações discursivas não são fechadas, podem ser *invadidas* por outras formações, por outras identificações dos sujeitos que enunciam. Ao reconhecer a heterogeneidade como constitutiva das formações discursivas, Pêcheux propõe que a Análise do Discurso tome como objeto essas invasões, os atravessamentos de uma formação em relação a outra.

Os diálogos produzidos no filme podem ser tomados como objeto de análise desse atravessamento, dessa heterogeneidade. As aulas exibidas são de língua materna – um professor de francês dando aula na França. No entanto, até que ponto essa língua francesa culta é materna para aqueles alunos – na grande maioria imigrantes ou filhos de imigrantes – é uma questão que demanda reflexão.

Essa questão da não identificação/identificação dos alunos com os objetos de ensino, com a língua e a cultura francesas

está presente em todo o filme. A primeira cena a ser analisada (11:23) é a de uma aula em que o professor – François Marin – está construindo frases como exemplos para explicar o significado das palavras que estavam presentes num texto. Quando ele coloca no quadro a frase *Bill se delicia com um suculento cheesburger*, um aluno comenta: *Cheesburger é uma porcaria*. Logo depois, duas alunas questionam os nomes próprios que ele escolhe para os sujeitos das frases que costuma criar. Por que Bill? François Marin argumenta que Bill é um nome comum, inclusive é o nome de um presidente recente dos Estados Unidos. As alunas sugerem que ele use nomes como Aïssata, Rachid ou Ahmed, por exemplo. A resposta do professor denuncia parte do conflito vivido nessa interação: “escolher os nomes em função das origens diversas que existem na turma é impossível”. É a heterogeneidade das etnias sendo discursivizada, colocada em conflito. Nessa mesma cena, uma das alunas – Esmeralda – diz que ele só escolhe nomes *coxinhas*. Quando o professor pede a ela que explique o que significa isso, ela responde: *nomes franceses*. O diálogo segue então da seguinte maneira: 11:23

François Marin: – E você não é francesa?

Esmeralda: – Não, eu não sou francesa.

François Marin: – Ah, não? Eu não sabia.

Esmeralda: – De fato, eu sou francesa, mas não tenho orgulho de ser.

François Marin: – Eu também não. Também não tenho orgulho de ser francês.

O questionamento dos alunos remete para a presença de palavras que produzem sentidos estranhos a eles, sentidos que pertenceriam a outra cultura, a outra formação discursiva, atravessada por outra ideologia, como é o caso da reação do aluno ao afirmar que *cheesburger é uma porcaria*. A alusão que o professor faz ao presidente recente dos E.U.A. para justificar o uso de Bill só reforça esse sentido outro. Quando Esmeralda reconhece que é francesa logo após ter dito que não era, percebe-se aí uma oscilação na sua própria identidade, oscilação que tem suas motivações na memória da colonização francesa, na história recente de grande contingente de imigrantes no país. Ela é francesa, mas não se identifica com a cultura francesa, não se reconhece como francesa. E ao afirmar que é, logo aponta para uma oposição, *sou francesa, mas não tenho orgulho de ser*. A negação aparece aí como marca de polifonia, à qual o professor reage, afirmando que ele também não se orgulha da sua nacionalidade.

Uma segunda cena a ser analisada remete ainda mais para a questão da memória discursiva e do atravessamento das formações discursivas: François Marin está dando uma aula sobre versificação. Analisa a estrutura de um poema no quadro. Dois alunos começam a fazer perguntas sobre as suas notas, pois souberam pelas representantes da turma os resultados do conselho de classe. O diálogo com um dos alunos – Souleymane, um aluno cuja família veio do Mali – mostra um debate em torno dos sentidos produzidos pelo uso de algumas palavras e expressões: 01:27

Souleymane: – Senhor, senhor, uma pergunta.

François Marin: – O quê?

Souleymane: – Parece que ontem, no conselho de classe, o senhor me ferrou.

François Marin: – É outra observação sobre a poesia?

Souleymane: – Não, eu não falo sobre poesia.

François Marin: – Eu percebi que não. O que isso quer dizer, *voce me ferrou?*

Souleymane: – Não sei, o senhor me ferrou.

François Marin: – Tem gente que disse que se você continuar assim... eu não acho, mas os professores disseram que se continuar assim... você vai ter problemas. Isso não é ferrar você.

Souleymane: – Ah, mas isso é vingança. Não entendo. Os professores só querem se vingar.

François Marin: – O que tem a ver com vingança?

Souleymane: – Quando o senhor disse que eu vou ter problemas, isso é vingança.

François Marin: – Não tem nada a ver com vingança.

Souleymane: – Como não?

François Marin: – Não tem. Não estamos na rua. Não é isso. Estamos advertindo você. Nosso objetivo não é nos vingar, é tentar fazer valer a disciplina. Entende a diferença?

Souleymane: – Não entendo.

François Marin: – Quando um juiz condena alguém a uma pena, não é para se vingar da pessoa. Ele faz isso para que a sociedade funcione.

Souleymane: – O que o senhor fez é vingança. O senhor vive contra mim.

François Marin: – Acha que não tenho o que fazer? Que acordo pensando: vou me vingar do Souleymane?

Quando o aluno Souleymane menciona a expressão *me ferrou*, François reage e questiona o sentido daquele uso para se

referir a uma avaliação feita pelo conselho de classe. O questionamento é dirigido aos sentidos produzidos por *ferrar alguém* naquele contexto, naquela formação discursiva da instituição escola. Para ele, o interdiscurso não disponibiliza esse dizer sobre as atitudes dos integrantes do conselho de classe.

No momento em que o aluno fala em vingança, a reação do professor destaca ainda mais essa diferença de formação discursiva, quando ele afirma *aqui não é a rua*. O professor vê no uso dessa palavra o atravessamento de outra formação discursiva – que seria relativa aos processos discursivos inerentes ao espaço da rua, às interações estabelecidas nos embates travados nesse espaço –, na instituição escola, que se insere numa outra formação discursiva. É o discurso da rua entrando na argumentação presente no discurso produzido na sala de aula, na escola. Souleymane afirma que não entende a diferença entre advertência e vingança. Os sentidos de vingança estão disponíveis na memória discursiva. É com a rua que o aluno se identifica.

A instituição rua, com seus usos e sentidos, aparece entre os muros da escola, atravessa os muros. Estes não fecham a formação discursiva da instituição escola. Os muros não impedem que a ideologia da rua entre. Os sentidos da rua estão na memória do aluno, estão na memória discursiva que constitui o interdiscurso. E, apesar da expressão *me ferrou* ser a princípio refutada no interior da formação discursiva em que se inscrevem professor e aluno numa sala de aula, ela atravessa essa FD, justamente porque esta não se fecha e é passível de alteridade.

Ao destacar o não fechamento das FD, Pêcheux (1983) afirma que “a insistência da alteridade na identidade discursiva coloca em causa o fechamento desta identidade” (p. 310). O que se manifesta no intradiscurso das sequências discursivas presentes no filme é a heterogeneidade. Muitas outras cenas no filme mostram essa heterogeneidade – discursiva, linguística, cultural, ideológica.

A própria diferença entre a língua francesa e as línguas maternas das famílias dos alunos também é filmada como manifestação da alteridade, da não identidade. A mãe de Souleymane, por exemplo, não sabe falar francês, e participa de duas reuniões na escola em que ela insiste em falar sua língua materna, olhando para seus interlocutores como se eles pudessem compreendê-la, aguardando que um de seus filhos traduza o que disse. Num encontro com o professor para falar do comportamento de Souleymane, ela, acompanhada de seu filho mais velho, discorda, na sua língua, do que o professor diz a respeito do aluno. Sua reação, numa língua que o professor não conhece, causa uma expressão em François de impotência. A memória do Mali, a memória da língua, da cultura, cria mais uma vez um muro entre a mãe e a escola. 01:00

Duas outras cenas permitem destacar a questão da língua francesa como língua materna com a qual o professor se identifica, mas os alunos não. E o próprio François, no seu discurso, acaba reforçando essa diferença. Numa delas, a aluna Khoumba reclama porque ele estaria criticando seu comportamento em sala: 27:00

Khoumba: – O senhor tá bodeado e fica tretando comigo. Qual é?

François Marin: – Imagine, de jeito nenhum. E além disso, comece por falar francês. Eu estou o quê? Estou...

Khoumba: – Bodeado.

François Marin: – Sim, diga isso em francês.

Khoumba: – Está de bode comigo.

A gíria utilizada pela aluna é considerada como não pertencente à língua francesa pelo professor. Língua que ele domina, seus amigos dominam, mas os alunos não. A segunda cena que mostra esse tipo de conflito acontece numa aula em que François está ensinando aos alunos o imperfeito do subjuntivo. (00:17) Eles reagem e dizem que ninguém utiliza a língua daquela forma. *Nas ruas ninguém fala assim.* – afirma um aluno. Seria linguagem da idade média. (não estaria na memória dos alunos). A resposta do professor é que ele e seus amigos (franceses, provavelmente), por exemplo, utilizam. No dia anterior ele tinha usado com os amigos.

Uma última cena a ser comentada mostra a heterogeneidade e o estranhamento entre os próprios alunos, oriundos de países diferentes. Há uma atividade sendo realizada em sala: cada aluno que queira vai na frente e defende alguma opinião, uma ideia sua. Um aluno antilhano, Carl, critica o fato de os alunos ali presentes só se interessarem pela Copa da África. E afirma que torce pela França, o que faz com que ele seja questionado por Boubacar, um aluno da Costa do Marfim. As sequências discursivas são as seguintes: 01:16

Carl: – Eu queria dizer que... eles não param de encher o saco com essa Copa da África. Lá no pátio, já estavam enchendo o saco dos outros com essa Copa... e ela nem começou ainda!

Boubacar: – Carl? Vou ser bem-educado com você.

Carl: – Pode falar.

Boubacar: – Desculpe interromper. Pode dizer pra que seleção você torce?

Carl: – França.

Boubacar: – Espera aí! E por que você diz que não é francês, que é antilhano?

Carl: – Antilhanos são franceses! Lá é um território francês.

Boubacar: – E por que não diz somos franceses e diz somos antilhanos?

Carl: – Dá na mesma.

Boubacar: – Eu não acho.

Os dois alunos discordam em relação ao próprio conceito do que significa ser francês, e também ao que significa dizer *somos franceses*. Quando Carl diz *somos antilhanos*, a afirmação de que ele é francês ficou na ordem do não dito. Boubacar reconhece isso, reconhece que os sentidos produzidos por *somos antilhanos* são diferentes daqueles inscritos na afirmação *somos franceses*. Para ele, dizer *somos franceses* não está disponível naquela conjuntura. É um dizer que seria refutado pela memória discursiva, dentro daquela formação discursiva. Cada aluno se identifica com uma formação discursiva, entre eles também há alteridade. Carl se identifica com uma dada formação discursiva compatível com a ideia de que se as Antilhas são um território francês, então ser antilhano é igual a ser francês.

4. Considerações finais

A memória da colonização e imigração na França atravessa, invade o discurso produzido entre os muros da escola situada em Paris. Os sentidos produzidos nas sequências discursivas inscrevem-se na heterogeneidade, no entrecruzar de formações discursivas. As aulas de língua materna são situações que permitem expor esses conflitos, e mostram que os sujeitos enunciativos assumem posições diversas, em diferentes formações discursivas, a partir de memórias discursivas que constituem o interdiscurso, saturado de sentidos, autorizados e refutados em determinadas formações discursivas.

As sequências discursivas analisadas permitem refletir sobre o não fechamento das formações discursivas, sobre essa alteridade na identidade discursiva posta em questão numa aula de língua materna. Além disso, a análise contribui para um questionamento em relação a alguns sentidos aparentemente naturalizados nos diálogos dos filmes. Refletir sobre eles em contextos de ensino de língua materna significa pensar o ensino de língua como uma prática que não pode deixar de abordar questões de memória e identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COURTINE, Jean-Jacques. Quelques problèmes théoriques et méthodologiques en analyse du discours, à propos du discours communiste adressé aux chrétiens. *Langages*, n. 62, 1981.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, mídia e identidades. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontado limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: ____; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

_____. Formação discursiva: essa noção ainda merece que lutemos por ela? In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontado limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

MITTMAN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (Orgs.). *Análise do discurso no Brasil*. Mapeando conceitos, confrontado limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

PÊCHEUX, M. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Trad. Eni Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

_____. A análise do discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. Campinas: Unicamp, 1990.

_____. *Semântica e discurso*. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1988.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Unicamp, 1990.